



"Faz falta mais intervenção cívica no teatro"

/ entrevista com Helder Costa / p.3

5ª Mostra de Teatro de Santo André programa / páginas centrais

Abril em Maio: "Como se estivesse sempre na 'Estaca Zero'"

/ Eduarda Dionísio / p.14

Meu trato com o teatro

/ Teresa Rita Lopes / p. 18

3

Primavera / Verão 2004

Vila Nova de Santo André

EDITORIAL

Um ano depois, o projecto da Cena's mantém-se. Basicamente como resultado de trabalho militante, assente numa estrutura associativa, mas beneficiando de apoios conseguidos número a número, a pulso.

Com todas as deficiências, limitações, amadorismos, que assumimos ainda assim aumentámos o número de páginas. Vemos nesse trabalho militante o seu principal veio de oxigenação, que transborda em muito esse Colectivo – nas múltiplas cumplicidades, nas alargadas generosidades de colaboração, nos muitos gestos, pequenos e grandes, de apoio às tarefas mais elementares, no “carregar de cadeiras” sem o qual haveria ideias, textos, poderia até haver revistas impressas, mas dificilmente haveria distribuição.

Há em tudo isto um certo encantamento, alguma emoção, vontade de melhorar, mas, sobretudo, consciência da necessidade de consolidar trabalho, condição fundamental para lhe conferir progressão com mais à vontade e menos sufoco.

Neste contexto, é de uma revista independente que gostamos de falar. Não independente das ideias, da opinião, da Política com a devida maiúscula, mas dos pequenos servilismos, das conveniências, dos constrangimentos porque... E, já agora, é assim que queremos continuar.

Sabemos onde estamos e é desta periferia encostada ao mar que queremos contribuir para construir centralidade, um pólo que à dimensão do que somos, valorize esforços, iniciativas e projectos, constitua rede no rendilhado miúdo de múltiplas expressões, sensibilidades, culturas, de cujo entrançado somos, também nós,

apenas parte.

Mas não é uma revista meramente local, regional que perseguimos. Há tantos mundos à nossa volta! Bebemos em experiências desses mundos, certamente aquelas com que mais nos identificamos, procurando reflecti-las nas nossas páginas; mesmo que polémicas, que incendiárias, antes assim que sermos reflexo de uma qualquer neutralidade asséptica perante a vida e a criação cultural. Nesse sentido, é de centralidade relativa a que aludimos, pólo de pólos, a querer com outros dialogar, aprender, participar. Esta revista sai quando se assinalam trinta anos passados sobre o 25 de Abril. Quando ainda ecoam rumores da polémica se é de evolução ou revolução que devemos falar, a propósito do facto bruto da efeméride. Julgamos que esta revista é também em si peça da resposta a essa questão.

E não apenas porque muitos dos que neste número escrevem o fazem do lado de cá da ruptura que eles próprios ajudaram a forçar, que eles próprios fizeram num percurso de vivências incontornavelmente feito nos movimentos telúricos que antecederam e incandesceram o que foi o período mais intenso e transformador da nossa contemporaneidade. Chegados a este tempo de agora, o que desta revista transpira, pelas muitas mãos a que foi escrita, é inconformismo e utopia, tornados vontade, acção, como se de hastes de um mesmo feixe se tratasse – o teatro e o cinema devem assumir intervenção cívica; contra as grandes cadeias de distribuição cultural; é possível influenciar programações; é preciso definir políticas culturais para traçar horizontes de futuro...

O projecto da Cena's mantém-se. Efectivamente.

Propriedade

AJAGATO

Associação Juvenil Amigos do GATO

Colectivo de Redacção

João Madeira

Mário Primo

z.dado

Colaboram neste número

André Pacheco

Carlos Seixas

Eduarda Dionísio

Hugo Lopes

Isabel Silva

Joana Rita

João Löbe

Maria José Botelho

Nuno Cera

Nuno Silva

Rita Amado

Teresa Rita Lopes

Concepção Gráfica

Paginação

Pedro Dias

Periodicidade

Semestral

Impressão

Tipografia Avenida

Tiragem

1000 exemplares

Contactos

AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas

Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo

André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167

e-mail: teatroteca@hotmail.com

e-mail: revistacenas@mail.pt

SUMÁRIO

3,4,5 / **bocas de cena** / “Faz falta mais intervenção cívica no teatro” entrevista com Helder Costa / Rita Amado / 6,7 / **cenários** / Base Camp do Monte Everest / Nuno Silva / 8 / **descritas** / Novas banalidades / Maria José Botelho / 9 / **1º acto** / Recordações revividas / texto de Joana Rita, ilustração de André Pacheco / 10 / **vemos** / Carlos Seixas / 11 / **ouvimos** / Hugo Lopes / 12 / **lemos** / João Löbe / 13 / **em cena** / z. dado / 14,15 / **teóricas e práticas** / Umás quantas notas que talvez dessem para uma história qualquer / Eduarda Dionísio / 16,17 / **a preto e branco** / Nuno Cera / 18,19 / **teóricas e práticas** / Meu trato com o Teatro / Teresa Rita Lopes / 20,21 / **teóricas e práticas** / Ter política cultural é ter horizontes / Isabel Silva / 22,23 / **photohistórias** / “E se inventássemos um mar de volta...” / João Madeira / pag. cent. / **aqui há gato** / Programa da 5ª Mostra de Teatro de Santo André



**“Faz falta mais
intervenção cívica
no teatro”**

Valeria a pena recuar a 1964, aquando de um espectáculo na Sociedade Musical da Fraternidade Operária Grandolense, em que Helder Costa convida Zeca Afonso e Carlos Paredes para o evento. Valeria a pena recuar a esse momento, até porque é depois do dito episódio, que Zeca compõe a célebre “Grândola Vila Morena”... Mas se o passado de Helder condensa um património emocional ímpar, o presente é uma campânula de convicção, humildade e emoção. Longe do espartilho do calendário, o que vos proponho são alguns fragmentos, deste meu encontro com o dramaturgo e encenador - Helder Costa.

"Se há coisa que eu odeio é o teatro anti-popular!"

Confesso que tenho um certo fascínio em "habitar" os cine-teatros, durante o dia, com tudo a descoberto, em que não há a evidência da magia das noites de espectáculo, mas sente-se algo latente pronto para brotar umas horas mais tarde... O Cinearte é muito mais do que um local que hospeda uma companhia de teatro?

Sim, há sempre música, dança, sessões de poesia e, no que diz respeito ao teatro, são vários os grupos que aqui actuam. Nunca nos acomodamos e a nossa intervenção envereda também pela Imprensa escrita, pois temos um jornal periódico, concebido por mim.

Falou-me na componente de exportação da Barraca, que sabemos que é bastante acarinhada no Brasil. Foi depois do enorme sucesso nos palcos brasileiros, que a imprensa portuguesa apontou o projector para a Barraca? É evidente... Isto é um país de parolos!

Como é que emerge, no contexto quotidiano da Barraca, a oportunidade de mostrar o seu trabalho no Brasil?

A primeira vez foi um milagre! Nós tínhamos em cena o "D. João VI", em 1979, e veio do Brasil uma delegação do Serviço Nacional de Teatro, que assistiu à peça e que ficou encantada. Passados uns meses, recebemos um convite para ir ao Brasil. Uma vez que íamos ao Brasil eu sugeri apresentarmos mais produções. Eles aceitaram a proposta, enviaram o convite para a Barraca e, ao mesmo tempo, para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O Ministério diz-nos então uma coisa espantosa: que estávamos de parabéns, que era uma ótima oportunidade, mas que podíamos levar todas as peças que quiséssemos, menos a "D. João VI".

Isso porque...

Supostamente seria uma ofensa a Portugal e ao Brasil!

Disseram-lhe isso directamente? Quem? Na altura era funcionária: Teresa Patrício Gouveia (risos...)

Que viria a ser Ministra da cultura... E o que é que lhe respondeu?

Perguntei-lhe se ela não sabia que o Brasil já era independente desde 1822 e se ela já tinha ouvido falar do grito de Ipiranga!... Sendo independente, achei um bocadinho demais, que estivesse a querer dar ordens ao Serviço Nacional de Teatro do Brasil. Disse-lhe que eles tinham vindo ver o espectáculo e que o convite tinha surgido da parte deles sem eu ter pedido nada. Ela manteve a mesma postura e eu solicitei-lhe que me escrevesse uma carta exactamente com o discurso e os argumentos que estava a utilizar.

E ela aceitou que se escrevesse a carta? É evidente que não! Disse-me que não a escreveria, porque eu iria apresentá-la ao Serviço Nacional de Teatro do Brasil... Pois claro quisim, a carta serviria para quê? Para ficar em casa??? A carta era mesmo para ser aproveitada, disse-lhe. Para ir para os jornais, para o Brasil, para se saber o que é Portugal 5 anos depois do 25 de Abril!

Calculo então que o episódio tenha ficado por aí, que a resistência se tenha dissipado. Eu continuei, dizendo-lhe: "a gente vai ao Brasil, leva o "D. João VI", levamos tudo! Depois, como vai ser um êxito extraordinário, vocês metem o rabo entre as pernas e são obrigados a dizer muito bem de nós e de mim... É só o que se vai passar!"

E aconteceu tal como previa?

Tal e qual! Correu mesmo muito bem! Isso foi em 1979 e hoje em dia se há um nome no Brasil de uma companhia portuguesa que chama gente ao teatro, esse nome é o da Barraca!

No circuito artístico, onde se fala tanto em lobbying e em jogos de influências, as pessoas não estranham esta visibilidade da Barraca, sendo ela tão avessa às relações de poder? Eu acho que o facto da Barraca ser frequentemente convidada para acontecimentos fora de Portugal, tem que ver com uma questão muito simples: representarmos sempre em português e fazermos criações de autores portugueses. Eles convidam-me pela curiosidade de absorver um pouco mais da cultura que está a ser feita neste país. Não é a repetição cultural que eleva uma pessoa ou uma companhia, mas a criação, a dita diferença.

Mas também trabalham autores estrangeiros.. De vez em quando fazemos uma peça estrangeira de autores que consideramos da nossa família (não é por modas). Estou a falar de Dario Fo, Woody Allen e tantos outros. Uma família modesta, mas com a qual nos sentimos plenamente identificados.

Costuma rejeitar sempre a ideia de que o teatro atravessa uma crise. Continua a pensar assim? Dizem-me que os aspectos das crises no teatro têm que ver com a criação ou com o público... Se assim é, trata-se de uma questão contornável. Estando a nossa sociedade obviamente em crise, este é um grande momento para o teatro dar o salto. Agora, ou agarra ou não agarra a oportunidade! Foi por isso que eu escrevi "O incorruptível"...

É esse o ímpeto do artista que pretende servir a sociedade, aproveitar esse tipo de brechas para se afirmar na vanguarda e combater o adormecimento colectivo, despontando também o sentido crítico?

Pode ser muito redutor o que eu vou dizer... Mas arrisco na mesma (risos): nós passámos a vida a lutar contra a ditadura, a lutar pela liberdade. O que é grave, é que eu tenho a certeza que se hoje houvesse a censura do Salazar, 80% das peças seriam autorizadas. Isto sim, é uma crise gravíssima!

E que postura é que a Barraca assume nesse contexto?

Eu aproveito para dizer que a Barraca nunca se assumiu como um grupo de agitação e propaganda. Ora vejamos; em 28 anos, nós só trabalhámos uma vez Bertolt Brecht! E a peça foi de facto bem feita, uma vez que obtivemos como reconhecimento 10 anos sem subsídio (risos)!!!

Que territórios é que o Teatro da Barraca vai então vasculhando, para fazer eco a essa sua posição vincada, assumindo-se como um teatro de intervenção e não de agitação e propaganda como referiu?

É fundamental pesquisar, veicular uma mensagem e fomentar o sentido crítico. À Barraca, interessa investigar o teatro, as suas origens (nomeadamente no nosso país), juntamente com as diversas correntes estéticas...

“Se hoje houvesse a censura de Salazar, 80% das peças seriam autorizadas.”

Dai o facto de Gil Vicente ser recorrente nos vossos trabalhos...

Exacto. Para além disso, interessa-nos igualmente fazer todos os anos uma peça que tenha a ver com a contemporaneidade. Pode ser sobre a agitação, sobre um problema de droga, sobre a condição feminina, enfim, os temas não se esgotam.

A itinerância é outro dos vossos propósitos mais sólidos...

Eu preciso de confrontar o meu trabalho com outros públicos. E os actores que trabalham comigo, idem. Porque é aí que eu tenho o feedback concreto e fico a saber se o caminho que estamos a seguir é o certo ou o errado. Não me interessa, de todo, ter um público viciado, no meu gueto, na minha casa que venha dizer amen a tudo o que faço; porque conhece a fórmula e identifica-se com ela. A itinerância permite desvincular-nos de vícios e rotinas e possibilita-nos também procurar um desenvolvimento mútuo: nosso e eventualmente do público.

E a designação de teatro popular é a que melhor se ajusta ao vosso teatro de intervenção? Eu acho que de facto o melhor termo para nos definir é teatro popular. Porque se há coisa que eu odeio é o teatro anti-popular!

Explique-me melhor essa perspectiva...

Eu preocupo-me imenso com a investigação estética, como lhe disse, mas é necessário perceber que o teatro é (sempre) um meio de comunicação. Não se extingue numa elaboração, na tal procura e conceptualização estética. Está completamente ligado ao aspecto de ter de comunicar uma ideia, uma posição.

Isso justifica a vossa busca da tradição quase rapsódica da antiguidade, onde se destaca, por exemplo, a comedia dell'Arte?

Completamente. E os actores têm de facto de se empenhar nesse incessante trabalho de conhecimento e enriquecimento...

É um pouco na linha de Dario Fo, esse mergulho quase visceral do actor no texto e na personagem para extrair o máximo possível de humanidade em ambos...

Sem dúvida, o jogo dos actores com o texto, passa muito por aí...

Que tipo de perfil tem de ter o actor da Barraca? Tem de ser um cidadão informado, interveniente, com uma grande sede de aprendizagem.

É do Conservatório que chegam esses elementos?

Como o próprio nome sugere, “Conservatório” indica conservador... É verdade que não é só o caso português... Persiste uma espécie de peso académico, um certo síndrome de superioridade. É difícil encontrar um actor livre e disponível que venha do Conservatório. Eu penso que existe um lado inibitório e até intimidatório no Conservatório.

Tem alguma mágoa latente em relação ao panorama teatral português?

Tenho uma mágoa imensa por não sentir uma maior intervenção cívica por parte de alguns grupos. Sei que isso faz falta! E baseado nas leis da oferta e da procura enunciadas por Marx; sei que se houver oferta desenvolvo público. É simples! É terrível pensar que para se chegar ao público, é necessário ser-se ordinário, populista e sem a tal preocupação estética. Funciona tudo ao contrário!

Não é o teatro intimidatório que lhe interessa mas o “teatro da afectividade” e a expressão é sua.

Comunicar e desencadear emoções é para mim o grande prazer do teatro!

O que é que o emociona, fora do espectro teatral?

Emociona-me a resistência iraquiana, por exemplo. Acho que um grande acto cívico é igualmente maravilhoso, porque tem também a ver com a estética e isso remete-me para o universo de Goya com os seus desenhos e críticas; lembra-me Bosh e o mundo às avessas - a lei da con-tradição... As eleições em Espanha, em que os abstencionistas decidiram sair de casa como recusa à mentira... Tudo isto me emociona!

E porque nasceu em Grândola, bem perto do nosso ninho cultural, não resisto a perguntar-lhe qual é a parte de si que continua a passo dado com a atmosfera alentejana?

O Alentejo respira em mim!



BASE CAMP DO MONTE EVEREST

O céu escuro e a paisagem nítida até perder de vista compõem o cenário do Base Camp do Everest. O horizonte é apenas cortado pelo maciço gigante do Monte mesmo em frente, que quase se toca com o esticar da mão. E pelo Nuptse, uma montanha mais baixa mas mais próxima de nós que parece suplantar o topo do Mundo. Irritante o Nuptse. Uma incoerência neste cenário. Parece maior que o outro devido à perspectiva e à curvatura da terra e destrói qualquer enquadramento "Everest ao centro". Daí as fotos com o Everest sempre encostado à direita. Não queria que o confundissem com o Nuptse.

Não tinha outra hipótese. A viagem tinha terminado neste cenário. Subimos 5800 metros em caminhada e a partir daí faltavam-nos o equipamento para escalar os 3000 metros até ao topo... ou faltávamos a coragem. Era o 22º dia da nossa viagem iniciada em Novembro de 2000. Era o início do novo milénio e queríamos marcá-lo na nossa memória, eu e dois grandes amigos, o Bruno e o Henrique. Tínhamos caminhado 120Km deste Jiri, na vizinhança de Katmandu, Nepal, e subido entre altos e baixos o equivalente a uma montanha de 10Km. O ar era tão rarefeito que não conseguíamos andar 10 metros sem parar para respirar fundo, com as mãos apoiadas nos joelhos como

quem corre os 100 metros. Nada que aflija os Sherpas, o povo destas altas paisagens, cujas bochechas parecem beliscadas de tão vermelhas e a pele permanentemente bronzada. Têm o dobro da hemoglobina no sangue para absorver mais oxigénio em cada respiração. Durante a caminhada, vimos passar à nossa frente a Maratona do Everest. Só aconselhável para os de cá. Vimos passá-los literalmente e comemos o pó levantado pelos corredores sem ficar com o orgulho ferido. Respeitámos aquele povo em cada dia da nossa caminhada. Afinal o Sherpa Tenzing Norgay tinha sido junto com Edmund Hillary, o primeiro a chegar ao topo do Mundo. E foi em casas de Sherpas que dormimos, comemos e nos aquecemos. Com a altitude, as casas tornavam-se mais básicas. Uns abrigos reduzidos a uma sala comum com uma salamandra ao centro, uma cozinha onde nos sentávamos à conversa com os Sherpas, uma camarata de tábuas corridas para estender os sacos camas e um WC em anexo exterior. Com a altitude, a madeira para a salamandra dava lugar à bosta de iaque, aqueles bichos patuscos que parecem uma vaca com casaco de peles preta e dentes de elefante na cabeça, porque continha palha que ardia, felizmente sem odor. O chuveiro resumia-se a um algi-

dar com água tépida. E o WC sempre minimalista. Um buraco no meio do chão, num anexo feito sobre a falésia onde os restos eram entregues em voo livre à Natureza.

Com a adaptação do corpo à altitude, é preciso ir ao WC com frequência e a meio da noite. Sair do calor do saco cama para o frio negativo e caminhar até ao anexo é das memórias mais sofridas da viagem.

Mas a comida era ótima. Eram sempre Momos, um género de crepes com vegetais e Dal Bat, arroz com feijão e batata. Com a altitude, o Dal Bat desapareceu e os Momos eram ervas daninhas. Mas comer sabia tão bem. Todos os dias iniciávamos a nossa caminhada às sete da manhã, ainda gelada, mas com o sol já a aquecer a cara e só parávamos para almoçar. Comer era mais que um prazer, era uma necessidade vital. Tinha sabor a vitória, a etapa ultrapassada e à conquista da próxima. Por isso sabiam tão bem aqueles Momos. Ensalivávamos ao ver uma casa de Sherpas ao longe. Finalmente, tirar a mochila de 10Kg das costas suadas e comer. Pôr alguma roupa a secar, e ficar à conversa na cozinha com o casal Sherpa que nos recebia. Falavam do seu filho mais novo que andava pelo nosso colo cheio de roupas e gorros de lã, dos planos para trazer madeira das

> Múldos Sherpas, 2800m.

terras mais abaixo para alargar a casa (nesta zona, tudo é carregado às costas porque as estradas resumem-se a um simples carreiro de iaques) e de que nunca tinham visto Portugueses por estas paragens (geralmente eram Australianos). Apenas carregávamos duas mudas de roupa: a roupa de domingo para dormir e a roupa de trabalho para caminhar. Para quem carrega a casa às costas, não há espaço para muitos luxos e a câmara fotográfica tinha prioridade.

O nosso corpo estava em habituação gradual para evitar a Doença da Altitude devido à má oxigenação. Com a subida, éramos obrigados a ficar mais noites nos abrigos para aclimatizar. Tinha os pés cheios de bolhas que tinham de ser rebentadas para não boicotarem a caminhada do dia seguinte, o Henrique tinha feito uma distensão no joelho e o Bruno não conseguia dormir com insónias por falta de oxigenação. Houve um momento em que fiquei realmente assustado. Tínhamos feito uma subida a um monte próximo a ensaiar os últimos metros da caminhada e quando descemos perdi consciência do meu braço. Mais do que dormente, empurrei-o como se não fosse meu e me estivesse a incomodar. A reacção imediata numa situação destas é descer, descer muito, em busca de mais ar. Passámos a noite com dores de cabeça. No



Topo do Kala Patar. O Everest e Nuptse. 5800m.

dia seguinte, aproxima-se um temporal, coisa rara ao longo de toda a viagem, que nos obrigou a sair do abrigo e continuar a caminhada. Para evitar a subida, contornámos a montanha para nos mantermos na mesma linha de cota.

Os Sherpas são os homens deste habitat. Vivem como se estivessem ao nível do mar. Estão habituados desde sempre e até se dedicam à Maratona do Everest. Mas os seus filhos não. A habituação ao ar rarefeito adquire-se mas não se nasce com ela. Por isso, as mulheres Sherpas, no final da sua gravidez, têm de iniciar uma descida até aos 2000 metros para terem os seus filhos e só regressam a casa ao fim de alguns meses.

22 dias de caminhada, sem ficar 2 dias no mesmo sítio, para, esgotados, acabar aqui, neste cenário, sentados no topo de



Caminhada sobre o glaciar do Base Camp. 5300m.

um monte de rochas, com um precipício de 500 metros atrás e o topo do Mundo à frente, a ferver de vermelho. Com um jacto de nuvens na ponta como se fosse uma chaleira porque no topo do Mundo os ventos de alta altitude (jet stream) varrem a neve como areia do deserto. E o céu tão escuro, como nunca vira em casa, enquanto o sol ainda brilhava porque o ar era tão rarefeito que mais parecia o espaço. E as nuvens tão baixas como se o mundo estivesse virado ao contrário.

E claro, com a porcaria do Nuptse a abafar isto tudo...

Para quem quiser aventurar-se por este cenário, tenho mapas, percursos ideais e dicas para equipamento e voo barato. Ou um vídeo de viagem para quem apenas quiser assistir. Basta ligar para 96 9573225.

NOVAS BANALIDADES

O numérico está cada vez mais presente na nossa vida e parece partilhar o espaço já ocupado pela violência, tão vulgarizada nos dias de hoje. Entre o numérico e essa derivação de violência existe uma grande proximidade. Tanto um como outro levam ao distanciamento.

Pela vulgarização das imagens somos levados a esquecer quadros de terror que nos chegam diariamente através dos meios de comunicação social. O excesso de informação em vez de nos aproximar do mundo, pode, pelo contrário, afastar-nos, criando na nossa mente um mundo quase irreal com o qual construímos abstractos elos de ligação. Só nos sensibilizamos verdadeiramente com o que de alguma forma nos é próximo, tudo o resto tendemos a esquecer. Nos dias que correm a importância de uma notícia parece medir-se pela violência que encerra. Será que necessitamos de vulgarizar a violência para conseguirmos coabitar com ela?

Mas é verdade que não existe experiência de vida sem violência. Mesmo no imaginário geral das histórias infantis ela surge como uma constante. No percurso da História dos homens, na essência do religioso (nomeadamente no Cristianismo) a violência, e por conseguinte o sofrimento, aparece como um elemento purificador. Os conceitos do Bem e do Mal vêm, por vezes, justificá-la, como também é transformada bandeira para esses mesmos fins.

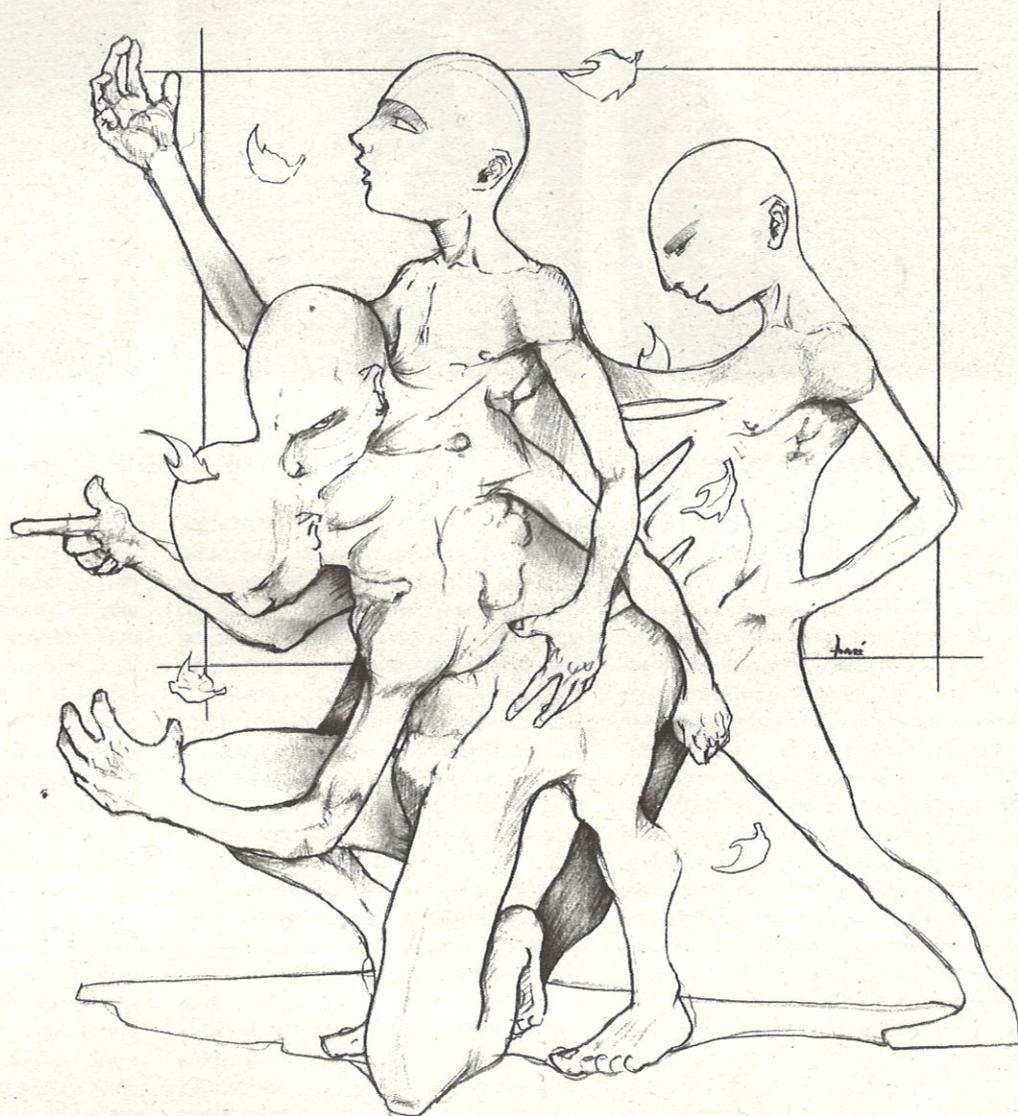
Todas as fronteiras do Mundo, mesmo as da nossa Europa aparentemente já “arrumada”, são traçadas pela brutal força das armas. Ao longo dos tempos, a violência sofre mutações como todas as coisas na comunidade humana. Na História recente muita coisa se modifica ao sabor dos movimentos sociais e da vida nas sociedades urbanas. Na base dessas modificações encontramos diversos factores, nomeadamente o crescente poder da transformação da matéria, o avanço tecnológico, a explosão demográfica, etc.

Há, no entanto, um momento crucial na História da Humanidade, um momento de viragem que, na minha opinião, determina a violência que se vive hoje e a forma como olhamos o Outro: a Segunda Grande Guerra, mais precisamente os campos de concentração e extermínio. É nesse lugar que o rosto do inimigo se altera para sempre e a justificação da violência se torna absurdamente subjectiva. Abre-se um precedente sem par. Nas histórias infantis e de resto na dos adultos os actos ditos de maldade são praticados pelos “maus”, para quem converge a punição e uma tentativa de reeducação. Nos campos de concentração será que os “maus” são assim tão maus? Era fácil se nos limitássemos a dizer que sim. A estranheza está precisamente aqui: os exterminadores são, muitos deles, pessoas aparentemente normais e isso não faz sentido. Findo o “trabalho” diário, o de abrir as condutas de gás para pôr fim à vida de homens, mulheres e crianças, estes homens recolhem-se para ouvir música clássica, jantar, falar de banalidades ou escrever à família cartas, muitas delas, inundadas de profusa sensibilidade. Praticar e entender o extermínio do Outro, seja ele quem for, como uma normalidade, sem sofrimento, sem loucura é a maior das monstruosidades.

Muito se tem escrito e reflectido sobre este acontecimento, mas a verdade é que ainda ninguém o soube explicar. Talvez porque a partir de certa altura, ao entrarmos no campo da subjectividade do absurdo, deixamos de ter acesso à plausível explicação das coisas. Como diz a escritora e filósofa Hannah Arendt a propósito desta temática, “abriu-se a porta para a banalização do mal”.

Passados que estão mais de 60 anos sobre este marco de viragem, com o implementar da globalização do consumo, dos padrões de vida, dos desejos... as sociedades actuais correm o risco não só de banalizar a violência, mas também a morte, o amor, a amizade, enfim, as coisas essenciais e únicas da vida. Um planeta globalizado é também um planeta mais vulnerabilizado. Penso que cada um de nós pode e deve ter um papel para tentar inverter este caminho. Para que não se banalize ainda mais o sofrimento do outro, os ataques terroristas, a hipocrisia política, a insensibilidade estatística. Nada de semelhante do que se passou nos campos de concentração poderá acontecer de novo na História da Humanidade.

Neste mundo de redes intermináveis somos todos responsáveis por o que vier a significar a palavra Futuro. Vivemos tempos difíceis, embora todos os tempos passados o fossem, dependendo de onde estivéssemos. Hoje, porém, com o conceito de distância cada vez mais irreal, parece que estar num lugar é estar em todos. Por isso é importante o estudo, a reflexão, a serenidade, tentar saber quem somos e donde viemos. A palavra, através do pouco que cada um de nós faça, deve substituir o numérico. A violência sobre a pessoa humana deve ser a último motivo para a dignificar.



RECORDAÇÕES REVIVIDAS

A folha seca que pisei, ao entrar nesta escola pela primeira vez, já lá não está. Nem tão pouco consigo encontrar aquela outra florzinha de pétalas azuis cujo caule parecia tão firme, entre a folhagem do pátio exterior.

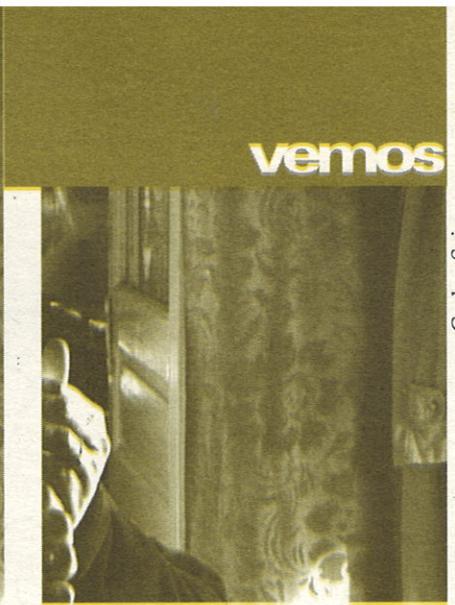
Ao longo do tempo, ocorrem mudanças, transformações. No entanto, ainda consigo sentir aqueles primeiros cheiros... O cheiro do orvalho matinal escondido sob as plantas, da terra humedecida pela noite, das árvores já maduras, da caruma dispersa pelo vento... E as cores?! Aquelas cores que outrora foram novidade são agora ingredientes de um arco-íris cujo fim não tem data marcada. Algumas eram secas, outras bem vivas, uma ou outra estranha, e ainda havia aquelas um pouco indefinidas, que apenas o tempo

sabe definir. Hoje, são cores familiares que partilham connosco, tal como os cheiros o fazem, uma cumplicidade constante que ajuda a alimentar as recordações.

Ah! Recordações! A boa disposição e a emotividade são, por vezes manipuladas por aquele sorriso especial que alguém nos oferece e que, simultaneamente nos faz lembrar outros sorrisos, outras cores, outros cheiros que por aqui passaram... Novos rostos se cruzam, dando continuidade à partilha deste mesmo espaço, assim como as experiências e aventuras que o integram. As aulas, essas, fazem-nos saltar entre os números, correr entre versos de um poema, mergulhar na flora e na fauna, remetendo cada um à sua própria curiosidade e à descoberta

do desconhecido. Percorrendo os corredores, pátios e salas, há um olhar que se cruza, um "olá" que se retribui, uma conversa que se retoma, um passo que se dá para o lado, dois passos que se dão para a frente...

Sente-se, hoje, a nostalgia que escorre na alma e se espelha na face, a saudade que, tal como cai das árvores sobre a relva, cai em nós entrelaçada nas memórias, acariciada pelas lembranças... Saudade do que se viveu e saudade do que se vive porque o tempo é inconstante e não espera. Mas, o que para o tempo é passado, para nós é presente e, que para ele são acontecimentos efémeros, serão para nós perenes recordações, revividas dia a dia.



Carlos Seixas

CINEMATOGRAFIAS PERIFÉRICAS NA CAPELA DE SINES

O cinema enquanto arte e expressão da riqueza estética da humanidade, tem dificuldade em se mostrar ao grande público. O visionamento de filmes em contexto próprio, a sala de cinema, banalizou-se. Obedece a critérios comerciais, que privilegiam a grande indústria cinematográfica. As “fitas americanas” com os actores da moda, com argumentos limitados às adaptações tecnológicas da indústria ou a estórias simplificadas ao arrepio do gosto, levam a que o falso divertimento da tela, de quando misturado com uma lágrima furtiva de emoção, a cadeira confortável e o pacote de pipocas, reduzam o imaginário do espectador à situação do sofá e do pequeno ecrã televisivo enquanto se espera ansiosamente pelo talk-show da noite.

No nosso país, as poucas salas que se espalham pelo tecido urbano das vilas e cidades, exceptuando algumas nas grandes metrópoles de Lisboa e do Porto, não contemplam outro cinema que não seja aquele que circula através dos grandes distribuidores, que negociam nos intervalos dos óscares, as películas de aventuras ou os dramas entulhados de actores cabotinos ou os candidatos aos tais. O bom cinema de autor, as cinematografias periféricas – aquelas de recorte quase artesanal – os filmes com cordão umbilical agarrado aos problemas da Terra, são silenciados pela indiferença e pela resignação dos programadores ou donos de salas que “precisam” de as rentabilizar. É assim gorada a possibilidade de proporcionar ao público em geral, um contacto directo com algumas das obras de arte, clássicas e contemporâneas, relevantes sob diversos pontos de vista para a história do cinema e para a cultura dos povos em geral.

São os serviços culturais das Câmaras Municipais nos seus pequenos auditórios, quando os há, os Cine-Clubes ou as Associações Culturais, que prestam um verdadeiro serviço público ao viabilizarem a projecção de alguns destes filmes que, de outro modo, ficariam esquecidos nas prateleiras das pequenas produtoras ou dos pequenos distribuidores atolados de dívidas, ou somente seriam vistos e sentidos por um pequeno grupo de interessados nas sessões da Cinemateca.

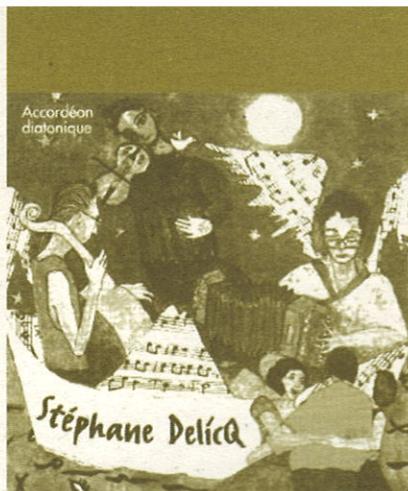
Na Capela da Misericórdia, em Sines, a Câmara Municipal, com um equipamento limitado, tem de há dois anos a esta parte contribuído para que o público da região usufrua de uma programação cinematográfica alternativa. Em pequenos ciclos têm passado pela tela alguns exemplos do bom cinema que se faz pelo mundo. As cinematografias orientais – com filmes de Elia Suleiman, Kiarostami, Makhmalbaf, Kitano ou Zhang Yang – o cinema contemporâneo por-tuguês – com filmes de Jorge Silva Melo, Teresa Vilaverde, Edgar Pêra ou Pedro Costa – as realizações europeias no feminino – filmes de Sally Potter, Agnés Varda, Cláudia Tomaz ou Lone Scherfig – os filmes de culto – como os de Hal Hartley, Jim Jarmusch, David Cronenberg, Mathieu Kassovitz ou de Tony Gatlif – o cinema documental – com filmes de Luciana Fina e Olga Ramos, Honigmann ou Van der Keuken – as filmografias integrais como a de João César Monteiro.

Mas não se pode ficar por aqui. O bom cinema merece ter mais e mais espectadores. Os apaixonados devem intervir e agitar, criar núcleos – para quando um Cine-Clube nesta região? – influenciar as programações, utilizar os meios associativos disponíveis. É necessário desen-

volver o espírito crítico e a capacidade de reflexão dos mais jovens, motivá-los para a importância do cinema enquanto arte audiovisual com uma estrutura narrativa própria, estimular a expressão do imaginário e da criatividade. Para isso é também necessário, dentro do enquadramento da escola, que os alunos tenham um complemento entre a formação curricular e a formação áudio-visual e cinematográfica. Articular conteúdos programáticos com filmes seleccionados a propósito daqueles, respeitando e valorizando as diferentes capacidades e gostos de cada aluno. Também a utilização do cinema de animação, em oficinas nas escolas, é particularmente estimulante e adequada ao contexto pedagógico, permitindo a associação com outras artes, desde o vídeo, a animação, as artes plásticas e a expressão corporal e teatral. É urgente apelar à transversalidade das aprendizagens. É urgente mais público, mais cinema, mais qualidade. Só assim uma arte de tal importância, pode continuar a ser uma arma de denúncia da injustiça, o testemunho da paixão e do insólito, o arquivo histórico da imagem contemporânea das glórias e misérias dos povos.

Iniciativas Paralelas FMM 2004
Ciclo de Cinema Documental
De 26 a 31 de Julho, na Capela da Misericórdia

Com a estreia nacional de alguns documentários premiados e com a presença dos seus realizadores.

**"La Compagnie des anges"**

Stéphane Delicq

Editado por L'AUTRE

DISTRIBUTION

http://attambur.com/outros_sons/paises/stephanedelicq.btm

Gennetines

Le Grand Bal de l'Europe

<http://gennetines.org/>

Rémy Martin

Fine Champagne Cognac

<http://www.remy.com>**ISTOANDATUDOLIGADO?****Um CD em Caminha**

Certa noite, no verão de 2000?, percorria com o Pedro Matos as ruas animadas de Caminha quando deparámos com uma pequena loja de discos, aberta apesar da hora tardia.

Lá dentro estava o CD "La Compagnie des anges", que podem ver na ilustração ao lado. Fico com a sensação de que este malandro já estaria à minha espera há algum tempo, sossegadinho, sem dar muito nas vistas para que mais ninguém o levasse.

E porque é que o fui escolher no meio de tantos outros na secção "D", de "Delicq", "Stéphane Delicq", o seu Autor?

Acontece que algum tempo antes tinha aprendido a dançar Mazurcas e estava ansioso por encontrar algum disco com que pudesse praticar. Ora o disco de que vos falo tem nada mais nada menos que cinco Mazurcas e, portanto, apesar de se encontrar numa loja com uma selecção invejável de música do mundo, acabou por ser a minha escolha.

O disco é uma pérola; Stéphane Delicq um compositor de uma sensibilidade imensa (para além de um excelente executante de acordeão diatónico) e eu um sofrível dançarino de Mazurcas.

Um café na Graça

O café de Sto António é um cafezinho familiar, que fica a não mais de cinquenta metros da minha casa, em Lisboa. O João é o dono, um tipo simpático e discreto que alguns de vocês talvez reconhecessem como o baixista dos Sitiados. Certa manhã, na primavera de 2002?, oiço-o comentar à porta:

- "...pois é, ele ficava aí a conversar comigo e assim sempre treinava o meu francês."
- "Olha, o João fala francês" - penso eu enquanto ponho adoçante no café.
- "... tocava acordeão... até me deixou aí um CD dele..."
- "Tem piada, mais um acordeonista francês"
- e saboreio um primeiro gole.
- "... chamava-se... hum.... Ah! Stéphane Delicq!"

Até me engasgo com o café! Então não é que o tipo esteve aqui por Lisboa uns tempos! O Stéphane Delicq! E vinha tomar um copo até ao cafezinho cá da rua!!! Este gajo que fez um disco espantoso que eu encontrei por acaso numa rua de Caminha e que ouvi e dancei dezenas de vezes?

Uma Mazurca no Campo

No dia 20 de Julho de 2003, dia do meu aniversário, estou com a Célia numa quinta nas proximidades de uma vila francesa chamada "Gennetines". A Célia é a minha companheira de danças (e de Vida!) e Gennetines um dos festivais de danças tradicionais mais conceituados da Europa.

São talvez cinco da manhã, a minha prenda de anos - um delicioso conhaque chamado "Rémy Martin" - está quase vazia e os portugueses que se juntaram no meio dos diversos palcos do festival para me cantar os parabéns já não estão por aqui. Eu e a Célia decidimos dar uma última volta pelos recintos: apesar dos bailes terminarem por volta da uma da manhã, alguns músicos ficam a tocar, mesmo sem amplificação, pela noite fora.

Há medida que nos aproximamos de um dos palcos, uma melodia familiar vai crescendo, misturando-se com as vozes das pessoas que cruzamos, com o sabor a conhaque nos nossos lábios. E estranho que estas vozes agora distantes me lembrem as ondas nas praias de Caminha e que o conhaque tenha um sabor tão acentuado a café.

No fundo do palco um homem pequenino e de olhar doce, enfeitado com o seu acordeão algumas dezenas de bailarinos. Chama-se Stéphane Delicq.

De rosto colado ao da Célia, rodopiando uma Mazurca neste cantinho do mundo, sinto-me realmente na companhia dos anjos.

E não consigo deixar de sorrir.



2004 foi o ano que viu a consagração de uma obra de cinema, baseada numa série de fantasia heróica "O Senhor dos Anéis", de J. R. Tolkien, adaptada pelo realizador Peter Jackson com a atribuição de onze Óscares da Academia. Com o devido louvor a esta obra, aqui ficam umas notas sobre uma outra série que, entretanto, está a ser produzida pelo Sci-fi Channel, nos EUA, em formato televisivo de 4 episódios: "Amber", baseada na obra de Roger Zelazny.

Este autor norte-americano nasceu em 1937, em Euclid no Ohio, licenciou-se em Drama Elizabetano e Jacobeano na Universidade de Columbia, escreveu duas séries de Crónicas de Amber, entre inúmeras outras obras, entre as quais "Deus Irae" com Philip K. Dick. Apenas uma, no entanto, foi adaptada ao cinema: "Damnation Alley" ("O Beco dos Malditos" na colecção Argonauta). Zelazny foi integrado no movimento *New Wave* da ficção científica, com o mesmo Philip K. Dick, Ursula Le Guin, entre outros.

As duas séries de Amber retratam um mundo governado por príncipes, Amber, rodeado de Sombras, a que os mesmos príncipes podem aceder, ou mesmo participar na sua criação, através de cartas de tarot, os Trunfos, que fixam com olhar para comunicarem entre si ou para irem ao encontro uns dos outros. Mas, o lugar a que chamam lar é mesmo Amber, a bendita e, por vezes, amaldiçoada pátria.

A primeira série é narrada pelo príncipe Corwin, que vive numa Sombra, na realidade os EUA da época, inconsciente da sua verdadeira identidade, que vai recuperando, e retomando consciência das traições da sua família e da arrogante luta pelo trono de Amber. Esta série tem sido publicada em Portugal, a espaços intermitentes, pelas Edições Livros do Brasil, na Colecção Argonauta, estando já publicados "Nove Príncipes em Âmbar" (nº 521), "As Armas de Avalon" (nº

527) e "O Sinal do Unicórnio" (nº 546). A estes falta acrescentar "The Hands of Oberon" e "The Courts of Chaos". No original, a obra foi publicada entre 1970 e 1978.

A segunda série é narrada pelo filho de Corwin, Merlin, numa época posterior e iniciou-se com "Os Trunfos do Mal" (nº 541 da Argonauta), a que se seguiram "Blood of Amber", "Sign of Chaos", "Knight of Shadows" e "Prince of Chaos". A série foi, originalmente, editada entre 1985 e 1991.

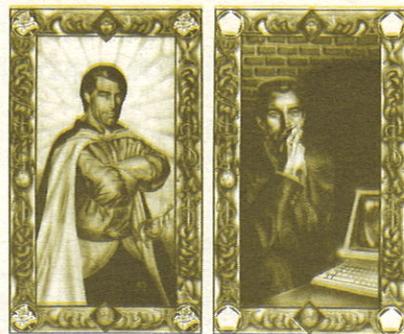
Aquilo que se achou relevante nesta obra de Roger Zelazny, para além da imaginação prodigiosa, foi a reflexão sobre as várias formas que a realidade pode apresentar, as dificuldades em perceber a verdade, ou a verdadeira realidade, a própria natureza humana, a sua crueldade, inveja, ódio, motivação e determinação, bem como a marginalização, ou a própria perspectiva dos subúrbios, associados às Sombras por Marissa Lingen em "The Suburbs of Amber" (consultado em 21-03-04 em www.strangehorizons.com/2001/20010521/suburbs_of_amber.shtml). Nas suas próprias palavras, "posicionando uma infinidade de mundos, onde tudo pode acontecer em cada um deles, então, um desses mundos, já que tu tens uma infinidade de escolhas, será um mundo onde as pessoas têm a capacidade de atravessar os mundos" (in www.testermanscifi.org). Esta é a premissa das Crónicas de Amber, completadas por alguns contos, bem como por "The Complete Amber Sourcebook" (1996) e "Roger Zelazny's Visual Guide to Castle Amber" (1988).

Roger Zelazny viria a falecer em 1995, tendo ganho vários prémios Hugo e Nébulas ao longo da sua carreira. A restante bibliografia utilizada para este artigo consta das páginas da Internet, consultadas em 21-03-2004, em www.roger-zelazny.com, e <http://zelazny.corrupt.net>.

lemos

João Löbe

Roger Zelazny O senhor de Âmbar





O "aqui há gato!", boletim informativo da AJAGATO, constitui, a par da página web, o elo de ligação com os associados e colaboradores. A sua inclusão nesta revista de periodicidade semestral, não invalida que possa continuar a ser publicado autonomamente noutros momentos.



mostra de teatro Santo André

07.15.MAIO

espectáculos

Auditório da Esc. Sec.
P. António Macedo

workshops performances
exposições conferências

Cent. de Act. Pedagogicas Alda Guerreiro

De 7 a 15 de Maio fazemos a maratona de Teatro em Vila Nova de Santo André! Este ano com uma aposta arrojada na diversidade e na qualidade do programa de modo a cativar diferentes camadas da população, aumentar o fluxo de público e corresponder à exigência dos habituais espectadores de Teatro desta região

Mostra Patrocinada por:

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

Espectáculos patrocinados por:

MC - DELEGAÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO ALENTEJO
INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE
BOREALIS
ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE SINES
GALP-ENERGIA

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO ANDRÉ
INSTITUTO PIAGET
QUADRICULTURA
PETROCOOP
MÓVEIS FERNANDES

Outros Apoios: HOTEL VILA PARK - C.P.P.E. - E.S.P.A.M. - C.A.P.A.G.



espectáculos

Aud. da Esc. Sec. P. António Macedo

Sexta / **07** / 22.00h



GATO SA "Os Pés pelas Mãos"

Textos de Tossán / Encenação de Mário Primo

"Mergulhar no desconhecido à espera de nos perdermos, para depois procurarmos caminhos, portas, referências... e encontrarmos espaços e formas, ilusoriamente novas..." é este genericamente o nosso processo mais comum e característico de trabalho e com o qual frequentemente metemos os pés pelas mãos...

Nesta performance e numa primeira fase, decidimos fazê-lo de uma forma literal. Os pés são aqui muito mais do que o suporte do corpo, libertos dos constrangimentos habituais foram uma fonte de pesquisa e de inspiração para os actores, induzindo o movimento, caracterizando os personagens, descobrindo as suas intenções.

Sábado / **08** / 22.00h



O BANDO "Gente Feliz Com Lágrimas"

Texto de João de Melo / Encenação e Dramaturgia de João Brites

E SE... voltássemos atrás? Um relógio marca as horas contrárias. Um espelho reflecte a memória passada. Um ninho acolhe os recém nascidos. O indivíduo é ele próprio mais outros - vozes múltiplas dentro de um único rosto.

São estas as metáforas dramáticas de João Brites em "Gente Feliz com Lágrimas", de João de Melo, numa simbologia ao viver num mundo de (des)encontros e fragmentação. Um casal que representa a saga do ser humano obstinadamente em busca de uma felicidade que se redimensiona à escala do mundo de hoje. Se na vida conseguíssemos parar o tempo, podíamos distanciarmo-nos das coisas, relativizar as lágrimas e os risos de uma vida ridiculamente tão curta.

Domingo / **09** / 22.00h



TEATRO MERIDIONAL e PRIMEIROS SINTOMAS "Endgame"

Texto de S. Becket / Encenação de Bruno Bravo

O princípio da encenação é sobretudo assente no trabalho dos actores que fazem este projecto e o desafio é seguir com a concentração de um músico todas as notas constituintes do texto sem preocupações de psicologia. Com a segurança de uma dramaturgia (ou de um subtexto colectivo) que vai sendo construída à medida que se vai representando. Com a fé de que transpareça um pulsar vivo e único, um pulsar profundamente humano; por meio de uma tradução rigorosa mas corajosa; por meio de dois actores irrepetíveis e insubstituíveis: João Lagarto como HAMM e Miguel Seabra como CLOV; por meio de dois actores novos, Gonçalo Waddington e Raquel Dias, a trabalharem sobre uma espécie de velhice onde o absurdo ganha corpo onde o trágico e o cómico se encontram; mas por meio sobretudo do risco. Do risco de se pensar activamente esta obra de Beckett e de apresentá-la sem pré-conceitos.

Segunda / **10** / 11.00h



TEATRO MÍNIMO "Os três corcundinhas" (espectáculo para a infância)

Texto de José Boavida / Encenação de José Boavida

Cônta a história de duas personagens um pouco fartas da monotonia e do quotidiano. Sendo assim, na sua diferença, resolvem percorrer mundo à procura de aventura. Trata-se de um espectáculo com uma forte vocação ecológica, abordando temas actuais como a defesa da floresta e apelando, ao mesmo tempo, à imaginação das crianças.

Sonho? Quem sabe? Mas a vida é mesmo assim, uma aventura aguça o sonho... Quem és tu? - Eu sou eu. E tu? Eu sou eu.

Segunda / **10** / 22.00h



MARIONETAS DO PORTO "A Miséria"

Baseado num conto popular / Encenação de João Paulo Seara Cardoso

Miséria, um pobre ferreiro, engana a Morte e é condenado à eternidade. "Falou então a Morte do alto da noqueira e fez com o velhinho um contrato: poupar-lhe a vida enquanto o mundo fosse mundo. O velhinho consentiu e a Morte desceu. Por isso, enquanto o mundo for mundo a Miséria existirá sobre a Terra."

"O que há de espantoso neste espectáculo é o jogo entre o que pertence às marionetas e o que pertence ao actor em carne e osso, ao mesmo tempo manipulador e intérprete... A perfeição das coisas, diria Cesário Verde. Não há muito a dizer de um espectáculo como este. Obra - prima do teatro de marionetas, obra-prima do teatro, simplesmente." (Carlos Porto, Jornal de Letras)

Terça / **11** / 22.00h



TEATRO DAS BEIRAS
"Snow, snow, snow"
Encenação de Nuno Pino Custódio

"Uma equipa de três alpinistas propõe-se alcançar o ponto mais elevado do cume mais subido do mais alto dos píncaros... Durante uma tremenda escalada, por entre o vento, o frio, a neve e todos os perigos legados por uma natureza tão bela quanto agreste, a diferença entre as origens e a cultura de cada um acentua-se e extrema-se." Partindo da improvisação e tendo por base a criação colectiva e técnicas de representação sustentadas na máscara e no jogo da Commedia dell'Arte, Snow, snow, snow é um espectáculo que de tudo faz um pretexto para se sustentar na única realidade, imprescindível ao teatro: o encontro entre actores e público.

Quarta / **12** / 11.00h



3 EM PIPA
"A Maior Flor do Mundo" (espectáculo para a infância)
Texto de José Saramago / Encenação de Cristina Chafirovitch

A aventura tem início quando gnomo e menino decidem percorrer o planeta para encontrar a água que pode salvar a vida da maior flor do mundo. Passam por diferentes culturas, com diferentes hábitos e diferentes relações com a água; em equipa, nem sempre de forma pacífica, o menino suplanta intempéries, ultrapassa dificuldades, cresce e consolida amizades. Depois de várias andanças, a criança consegue despertar a flor e devolver-lhe a grandiosidade perdida. Os pais, aflitos, reencontram o menino e ele descreve-lhes toda a sua aventura. Realidade ou imaginação?

Quarta / **12** / 22.00h



TEATRO AO LARGO
"O Mestre dos Aldrabões"
A partir da Farsa de Mestre Pathelin / Encenação de Steve Johnston

Esta farsa turbulenta e altamente irreverente tem sido muito popular desde que foi escrita no século XV. Conta-nos as travessuras de um advogado empobrecido, Pedro Pathelin, (um mestre da aldrabice por excelência), às custas do seu rival de longa data, um velhaco negociante de tecidos. O advogado, com a ajuda da sua astuciosa esposa, consegue levar a melhor o comerciante, intrujando-o em seis metros de fazenda cara. No entanto, mais tarde, Pathelin encontra um adversário à altura, um pastor simples mas manhoso, o qual, depois de uma cena hilariante no tribunal, consegue logrã-lo nos honorários pelos seus serviços...

Quinta / **13** / 22.00h



COMPANÍA MIMUS TEATRO
De Javier de Torres

Con la payasería muda de todos los tiempos y con el mimo clásico se grita, desde el silencio, contra la autoridad y la tristeza que rodea a los seres humanos. Mimus ... recupera la raíz de un teatro popular que anda por ahí abajo sacándole la lengua burlona a los de arriba. Sin decir "ni mu", sólo con algún verso en la mirada, algunos rípios en las manos y alguna que otra callada poesía en la roja nariz, se presenta un espectáculo teatral donde lo invisible y lo intangible puede palpase con las entrañas, donde la denuncia de un mundo patas arribas se convierte en un poema tragicómico y donde, en fin, un payaso se atreve a plantarle cara al aburrimiento imperante con la poética de los gestos.

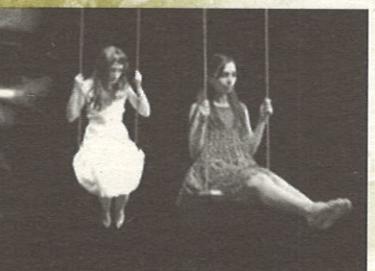
Sexta / **14** / 22.00h



TEATRO DO RIO
"Morte e Vida Severina"
Texto de João Cabral de Melo Neto / Encenação de Adelino Lopes

Ciclicamente, a praga devastadora da seca chega às terras do Sertão brasileiro, empurrando para o litoral multidões de sertanejos, retirando em fuga da fome, rumo ao que virão a descobrir serem outros tipos de fome. À seca já se juntara a herança colonial do latifúndio e do "coronel", sugando as parcas forças à multidão deambulante dos sem-terra. O retirante "Severino" é o homem que corporiza a dor e a desesperança dessa multidão. Na caminhada para o Recife, ao longo do rio Capibaribe, a morte encontra-o a cada passo: nos cantos de finados dos velórios, na morte feita negócio, no funeral de quem, finalmente, passa a ter de seu alguma terra: os sete palmos da cova que o acolhe. (...)

Sábado / **15** / 22.00h



EFÉMERO / T. TRINDADE
"Proof"
Texto de David Auburn / Concepção, direcção e espaço cénico de Jorge Fraga

Proof é a história de uma enigmática jovem, Catherine, da sua irmã, de um pai genial e de um jovem professor. Todos eles são peças de um puzzle na procura da verdade por detrás de uma misteriosa prova matemática. Catherine tenta superar a dura provação da morte do seu pai, um matemático famoso. Precisamente quando a jovem começa a manifestar o medo profundo de se vir a tornar como o pai, a irmã mais velha, Claire, regressa a casa para ajudar a enterrar o pai. Hal, um antigo aluno do pai, começa a aparecer em casa e descobre um velho caderno de notas que traz à luz do dia, um segredo bem guardado por Catherine. Descoberta esta, que vai pôr à prova a relação entre as duas irmãs e os sentimentos românticos em crescimento entre Catherine e Hal.

actividades complementares

Centro de Act. Ped. Alda Guerreiro



Sexta / **7** / 21.30h
Inauguração

EXPOSIÇÃO DE PINTURA "KINDA KINKY" NUNO SILVA

EXPOSIÇÃO DE TEATRO "PERCURSOS DE UM DRAMATURGO" JAIME SALAZAR SAMPAIO

Jaime Salazar Sampaio nasceu em Lisboa, em 1925. Numa primeira fase, publicou alguma poesia (Em Rodagem, 1949, Poemas Propostos, 1954, Palavras para um Livro de Versos, 1956, e O Silêncio de um Homem, 1960) e dois opúsculos de ficção (Romance de uma Rosa Verde, 1955, e O Ramal de Sintra, 1960). Em 1977 publicou O Viajante Imóvel, onde se reuniam alguns dos textos apresentados nas obras acima citadas, e em 1998 regressou esporadicamente à poesia, publicando O Mar não Precisa de Poetas. Porém, foi sobretudo como dramaturgo que desenvolveu a sua actividade e, nesta área, a totalidade da sua obra encontra-se reunida nos seguintes volumes, publicados pela Imprensa Nacional Casa da Moeda.



Sábado / **8** / 10 as 17.00h



WORKSHOP DE MÚSICA E TEATRO CARLOS GUERREIRO

Carlos Guerreiro frequentou o curso de Educação pela Arte, no Conservatório de Lisboa e adquiriu experiência em formação de professores no domínio das Expressões: dramatização e construção de instrumentos. Professor de Educação Musical no Centro de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian, dedica-se à construção de vários instrumentos musicais tradicionais, seguindo os ensinamentos que recolheu junto de construtores populares e em museus. Realiza recolhas de música tradicional em diversos pontos do país e concebe trabalhos musicais para peças de teatro, programas de televisão, cinema e publicidade. Participa desde 1975 em concertos, gravações, programas de rádio e televisão com José Afonso, José Mário Branco, Júlio Pereira, Pedro Caldeira Cabral, Fausto, Luís Cília, Sérgio Godinho, "La Batalla", "Sétima Legião", Vitorino e Rui Veloso. Foi membro do "Grupo de Acção Cultural - Vozes na Luta" (GAC). Pertence ao grupo de música popular "Gaiteiros de Lisboa".

Sábado / **8** / 17.00h

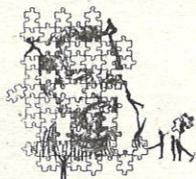


"A COLECÇÃO" - LEITURA DE UMA PEÇA INCOMPLETA JAIME SALAZAR SAMPAIO

A colecção é e não é uma peça igualzinha às outras que fui escrevendo ao longo do tempo. Muito embora a fábula em que se baseia apresente certas particularidades, aquilo que as personagens de "A Colecção" não dizem umas às outras, em boa verdade já tinha sido dito em outras das minhas peças por outras personagens que também elas eram e não eram iguaizinhas a estas. As semelhanças e as repetições notadas, tão típicas deste meu teatro, resultam do facto de eu ser um dramaturgo que tem apenas meia dúzia de coisas a transmitir aos outros. Digo isto sem complexos e com toda a naturalidade.

Quanto às eventuais discrepâncias... que diabo sempre tinha de haver algumas, pois todas as peças que fui escrevendo fazem parte da minha vida. E os dias mudam, não é verdade? Mudam os dias e nós também vamos mudando com eles.

Domingo / **9** / 17.00h



"GIL V(Ê) I CENTE" - EXERCÍCIO TEATRAL ALUNOS ESTC / MIGUEL SEABRA

"Gil V(ê) e Cente" é um exercício dos alunos do 2º ano da Escola Superior de Teatro e Cinema (Departamento de Teatro) baseado em cenas de textos de Gil Vicente (1465-1536) - nomeadamente da "Farsa de Inês Pereira", "Auto da Índia", "Auto dos Físicos" e "Quem tem Farelos". Este trabalho tem duas particularidades: os alunos trabalharam as personagens dentro de cinco níveis de intensidade e o exercício não está sujeito a prévia marcação teatral. A apresentação deste trabalho será seguida de colóquio com o actor, encenador e professor responsável Miguel Seabra.

Sábado / **15** / 10 / 17.00h



WORKSHOP DE MÍMICA JAVIER DE TORRES

Fundador del grupo Mimus Teatro de Extremadura, Javier de Torres imparte, además, diversas programaciones educativas sobre la expresión corporal y el teatro del mimo en múltiples cursos y talleres. Es creador, coordinador y actor de diversos espectáculos de mimo entre los que destacan: Cine mudo (1991); Mimus, especie en peligro de extinción (1997), que ha superado las cien representaciones; Mimorte, poema cómico (1999).



TRILHOS Os novos caminhos da guitarra portuguesa

Desde há algum tempo que de ora em quando nos acontece sermos agradavelmente brindados e surpreendidos por efémeros mas encantados momentos em que a guitarra portuguesa arrebatada a si o brilho dos lugares mágicos. Tanto na execução de temas da escola Paredes como em intervenções mais arrojadas, Rui Vinagre tem deixado a sua marca pessoal em colaborações diversas com grupos como o Gato, o Teatro do Mar ou o Teatro ao Largo.

A passagem pela Escola da Guitarra e do Fado e pela Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, para além de importantes componentes de formação na execução da guitarra portuguesa, proporcionaram-lhe a relação com músicos de diversas áreas. Exemplo disso são Miguel Calhaz (contrabaixo) e Jorge Queijo (percussões), ambos com

início no jazz e actualmente a frequentar a Escola Superior de Música no Porto, com quem Rui Vinagre vem desenvolvendo um projecto desde há um ano e meio com o nome de Trilhos – Os novos caminhos da guitarra portuguesa. Sendo este instrumento tradicionalmente entendido como elemento do fado ou ligado ao nome de Carlos Paredes, a aposta deste grupo passa não só pela sua divulgação mas também pela exploração de diversas potencialidades em níveis que ultrapassam essa concepção. Rui Vinagre caracteriza o projecto como podendo ser enquadrado no ramo das Músicas do Mundo no qual o colectivo procura introduzir novos caminhos para além dos padrões usuais. Com base em três instrumentos com timbres diferentes mas cuja relação proporciona a boa audição de qualquer um deles e a harmo-

nia subsequente, a composição dos temas originais tem como referências basilares os sons da música popular portuguesa a que se juntam os sabores do jazz, a acutilância do fado ao jeito de Paredes e a introdução de técnicas não habituais na execução da guitarra portuguesa tal como o rasgueio, normalmente utilizado no cavaquinho ou no flamengo. Para além disso, a flexibilidade da estrutura de alguns dos temas proporciona um ambiente aberto à improvisação onde se evidencia a componente jazz. Como factor impulsionador do desenvolvimento de Trilhos poderá contribuir o resultado do interesse que a G Produções, produtora ligada à música instrumental, manifestou no agenciamento do projecto. A par disso, o colectivo pretende obter parcerias pontuais com artistas conhecidos do grupo de forma a que a introdução de outros instrumentos (acordeon, sanfona, piano, etc.) acrescente diversidade e enriquecimento ao processo de composição e às próprias apresentações ao vivo.

“A DOENÇA DA MORTE” solidão, nostalgia e fado

“O amor absoluto é absolutamente necessário ao ser humano mas completamente impossível”

“A Doença da Morte” de Marguerite Duras traz a cena o eterno dilema da solidão humana projectada na história de um homem que, desconhecedor da vivência do amor, convida uma mulher para se fechar com ele num quarto e experimentar essa descoberta.

“Deverias não a conhecer e tê-la encontrado em toda a parte ao mesmo tempo, num hotel, numa rua, num comboio, num bar, num livro, num filme, dentro de ti, em ti, ao acaso do teu sexo erguido na noite que procura um lugar onde se meter, onde se libertar do choro que o enche.”

Foi a convite de Luís Bettencourt que Julieta Santos, directora artística do Teatro do Mar, viajou até à Terceira nos Açores para encenar com o Grupo de Teatro “A Teia”, num tempo record de quatro semanas, um dos contos mais marcantes da obra de Duras. Segundo ela, o motivo da escolha deste

texto prendeu-se à contemporaneidade da questão que aborda, a intrínseca solidão do ser humano que o amor pode aliviar mas não resolve na plenitude. É um espectáculo com grande carga visual cuja teatralidade é muito assente na relação entre a corporalidade dos actores e a capacidade emotiva dos personagens.

A solidão que se adensa no indivíduo, a falta de imaginação nas relações pessoais, a pouca valorização dos momentos face à desistência fácil perante o conflito entre realidade e ideais de felicidade e perfeição projectados, são temas actuais cujo eco pode transparecer da reflexão sobre esta obra.

Apesar do texto original se centrar na relação entre um homem e uma mulher, a encenadora - também responsável pela adaptação dramaturgica, direcção de actores, cenário e figurinos - introduziu um terceiro personagem que reflecte o mesmo indivíduo em dois tempos diferentes - o da experiência activa e o da nostalgia, o fantasma que vive preso na sua própria memória a um amor que encontrou num único momento e perdeu.

“Um dia ela já ali não está. Acordas e ela já ali não está. Partiu na noite. A marca do corpo ainda está nos lençóis,

está fria.

De toda a história reténs apenas determinadas palavras que ela disse no sono, essas palavras que dizem aquilo que te atingiu: Doença da morte.

Depressa desistes, deixas de a procurar, nem na cidade, nem na noite, nem no dia.

No entanto, assim pudeste viver este amor da única maneira possível para ti, perdendo-o antes que acontecesse.”

Estreado na Terceira em Dezembro último, o espectáculo conta no elenco com a participação de Sérgio Vieira, actor do Teatro do Mar, a par dos actores d’A Teia, Judite Parreira e Mário Alves. Está prevista a sua apresentação no continente, durante este ano, em datas a designar.



Um mas quantas notas que talvez dessem para uma história qualquer

1. Estávamos fartos, alguns, de muita coisa.

Uns, também, de não encontrarem nas livrarias (espécie em extinção) os livros que conheciam (e que queriam que outros lessem) e os que tinham a certeza que existiam sem os conhecerem; outros, de não conseguirem rever filmes que os tinham marcado (nem pôr outros a vê-los) ou as continuações deles; o mesmo para o teatro, para a pintura, para os jornais, para os colóquios, até para a indumentária. Fartos do “pronto a comer”, do “pronto a vestir”, do “pronto a dormir”... e de tudo o que isso impossibilitava.

Outros estavam simplesmente fartos de andar sozinhos, pelo menos para muita coisa, de haver poucos encontros – “regresso aos quartéis”, “regresso ao lar”...

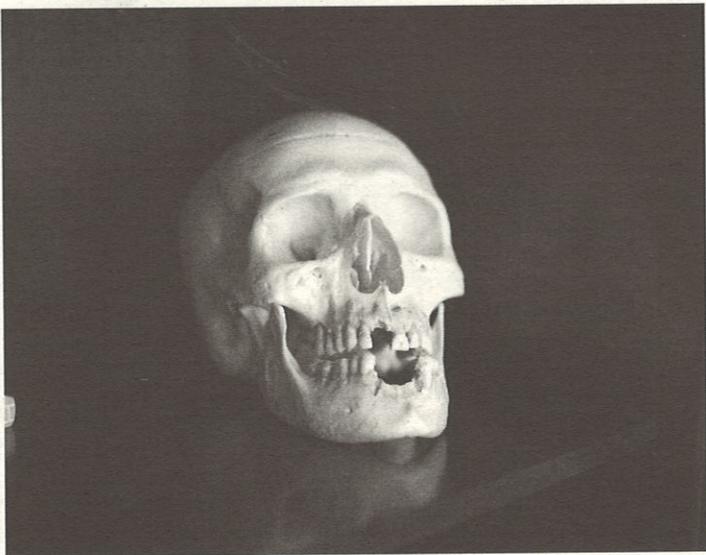
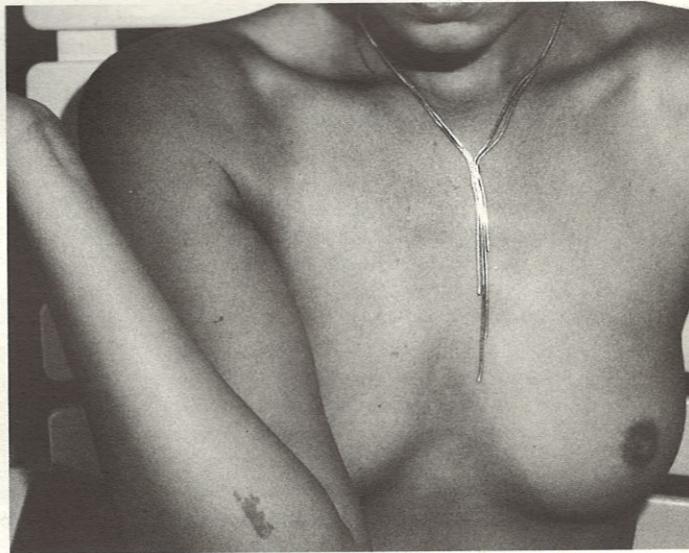
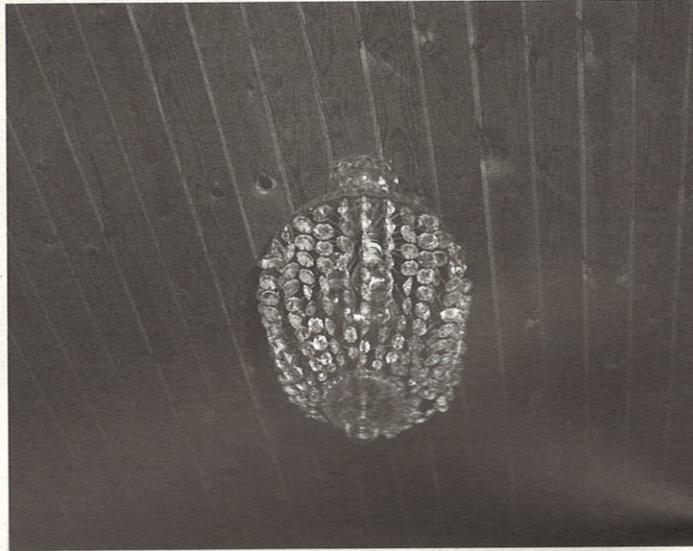
Foi no ano em que os 25 anos do 25 de Abril foram “comemorados”, com um cheirinho já a 5 de Outubro... Por onde andava a guerra colonial? E as ocupações de casas? E de terras? E as assembleias populares? E as paredes pintadas? E...e...

Coincidência: a “cultura” começava a ser terreno de “gestão”. Lisboa, além de capital do país, era “capital europeia da cultura”...

Estávamos em 1994 – foi há muito tempo? há pouco?. Fim do “cavaquismo”. Alguns dos que estavam fartos, perguntavam: e as nossas vidas? os nossos saberes? as nossas vontades?

No papel que em dois fins de semana de “festa” (para nós, o contrário de “comemoração”) em Maio (e não em Abril...) – a que chamámos ABRIL EM MAIO - foi distribuído e discutido no pátio da Veiga Beirão (escola que ficava no Largo do Carmo, o de boa memória), alguém escreveu: *“Provavelmente os filmes que vemos os legumes que cozinhámos, as peças de teatro que nos são aconselhadas, a roupa que compramos, os brinquedos que oferecemos, os discos que compramos, os livros que encontramos nas lojas, as aulas que temos, as conferências a que vamos, os jornais que nos vamos habi-tuando não são aqueles que nos dão respostas mais nítidas às inquietações que temos – ou que põem as perguntas mais intrigantes às certezas com que vamos vivendo[...]E se deci-dirmos comprar só aquilo que queremos, influenciar aquilo de que gostamos, discutir com quem nos ouve, se quisermos ser parte activa na cultura que queremos? Porque não juntarmos?”*

Uma curiosidade: convocada por mais de 70 “personalidades” com intervenção cultural (que assinaram uma convocatória



A viver entre Berlim e Lisboa, Nuno Cera, natural de Beja, nasceu em 1972.

De 1993 até hoje vem apresentando regularmente os seus trabalhos em exposições individuais e colectivas – em Viseu, nas Caldas da Rainha, em Coimbra, em Sines, onde expôs em 1995 e em 2000. Mas também em Berlim, Vigo, Praga, Frankfurt, Barcelona, Nova Iorque...

Como refere Nuno Cera, *"Usando a fotografia e o filme, o meu trabalho é o resultado de : emoções, paisagens, experiências visuais e temporais, visões de lugares, movimento, lixo, natureza, pequenas acções, espaços vazios, beleza, viagens. Amor, pessoas, cidades e busca"*

Mais dados sobre percurso, bibliografia, outras fotografias em www.nunocera.com.



meu trato com o teatro

É verdade que escrevo teatro desde sempre. A minha longa relação com o teatro é já um longo conto que eu podia contar como os da minha infância: "Um dia, há muito tempo, a menina que queria ser saltimbanca foi andando, andando..."

Fazer teatro é uma maneira de cumprir esse instinto do jogo com que todas as pessoas nascem. Está provado que não crescem bem os meninos que não brincam o suficiente. Sempre houve, de facto, em mim, a convicção – cada vez mais funda – de que na vida tudo é um faz-de-conta: brincamos a ser nós, a ser o outro, a ser o outro em nós, a sermos nós no outro... Brincamos a ser bichos à solta, sem obrigações (ilusão! e as do instinto...?), brincamos a ter obrigações, brincamos a ser necessários aos outros, às vezes até à humanidade – e é preciso muito sentido lúdico para nos não levarmos demasiado a sério nessa convicção fatal... O teatro encenou desde sempre essa condição do homem de já nascer condenado ao sacrifício do sofrimento e da morte. E talvez que esse brincar a viver, como se fosse dono da sua vida e do seu destino, seja a única redenção possível.

Costumo dizer que tenho várias cidades natais porque, ao longo da minha vida, tenho nascido várias vezes... Para contar o meu trato com o teatro tenho que falar desses diferentes nascimentos.

O primeiro aconteceu em Faro. Sou algarvia dos quatro costados, de pais e avós, embora o bisavô materno seja filho de andaluzes – e é talvez por isso que vibro com tudo o que vem dessas vizinhas terras em que me sinto em casa. Vivi no Algarve até aos dezassete anos. O teatro foi, desde sempre, minha natural

forma de expressão. Devia ter os meus oito ou nove quando adaptei, encenei e representei, no quintal de uma menina da minha idade, a "Gata Borracheira" – que teria uma edição melhorada no meu primeiro ano do liceu, no palco do Salão Nobre... No último ano do liceu promovi a representação do Frei Luis de Sousa: fazia de Madalena mas, como sempre fui baixinha, dava pelo ombro da minha filha Maria...

Nasci, de novo, em Lisboa – onde me tornei estudante universitária, menina casada (aos dezoito anos) e, pouco depois, mãe de três filhos. Além disso, contestatária, guerrilheira de minha profunda convicção e também autora de poemas, contos e peças de teatro. E animadora de grupos de teatro amador. Fiz parte do Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa (dirigido por Fernando Amado), do grupo Ribalta (como organizadora, actriz, tudo o que fosse preciso... colaboradora também de um boletim).

Criei, em 1958, o grupo de teatro da Voz do Operário que levou à cena várias peças e organizou mesmo um Festival Tchekov. Aí foi representada, em 1960, a minha segunda peça a valer, "Uma Consciência em Paz", com encenação de Rogério Paulo – anteriormente premiada nuns Jogos Florais universitários, de que Urbano Tavares Rodrigues enalteceu, no Diário de Lisboa, a novidade: "um neo-realismo renovado" (bondade dele, que sempre foi generoso e era, além

disso, meu professor...)

A primeira peça a valer (de que ficou texto escrito, que não tenciono, contudo, publicar) Dez contos de réis, ganhou um prémio, em 1959, na (recém-nascida) televisão onde foi encenada por Artur Ramos (e interpretada por Armando Cortês, Canto e Castro, Teresa Mota, Maria Olguim e não sei quem mais...).

Em 1961 tive duas peças encenadas no Teatro Nacional, por Artur Ramos, ambas proibidas pela Censura salazarista: a primeira, Três Fósforos, já em vésperas de estreia e a segunda, Retrato com Pássaros (que rebaptizei Os Pássaros Também) no ensaio geral, na presença de Amélia Rey Colaço, impotente e desolada...

Por estas e por outras é que a minha ficha na PIDE (a polícia política de Salazar) começou a tomar corpo... E foi assim que, em Novembro de 1963, tive que zarpar para Paris – quando soube que me tinham ido prender à minha antiga casa de onde, felizmente, me tinha mudado, meses antes...

Talvez seja oportuno esclarecer que, apesar da minha partida para o exílio estar relacionada com a minha actividade teatral (embora não só), as peças censuradas não contêm recado nenhum político. Sobretudo a primeira. (Digo de passagem que todo o texto encarregado desse tipo de recados fica sempre datado, ariscando-se a sucumbir à circunstância,



que o ditou.) Da segunda se poderá dizer que a situação de opressão de que se queixam as personagens tanto poderá remeter para a ditadura salazarista como para qualquer outra ditadura (das tantas que nos espreitam, mesmo nas sociedades ditas democráticas) ou para qualquer outra situação de asfixia em que o ser se sente sufocar.

Que somos nós todos, hoje, em qualquer das nossas pátrias, senão pobres bichos ameaçados pelos buracos na camada do ozono ou pelo efeito de estufa?

Em Paris, no âmbito da Universidade do Teatro das Nações, que frequentei (1965), conheci pessoas, textos e propostas de teatro interessantes. Fui cofundadora, com António José Saraiva e Maria Lamas, da secção portuguesa da Liga para o Ensino Laico, que, além de promover cursos de alfabetização, organizou conferências, recitais e um grupo de teatro, onde fazia tudo o que fosse necessário (até fui contra-regra...). Escrevi então um texto para marionetas (ou pessoas que as imitem) que só recentemente foi publicado e representado: *As Barbas de Sua Senhora*.

No início dos anos setenta, escrevi, em Paris, *Sopinhas de Mel*, que só seria publicada em 1978 e que tem sido inúmeras vezes representada – nomeadamente pelo Grupo Gato SA, que anima esta revista, em 1996.

Por essa mesma altura, escrevi, em Paris,

o *Rimance da Mal Maridada* – que foi representada em 1994 pelo Bando, que fez uma montagem desta peça com outra, inédita, “O amor sem Cara”, com o título “Se mentes”. Este espectáculo foi escolhido para representar Portugal na Bienal de Teatro de Autores, de Bona, em Junho de 1994, traduzido para alemão – e teve boa crítica! Por essa altura, o *Rimance* foi também distinguido com o primeiro lugar, por um júri nomeado pela Sociedade Portuguesa de Autores, para figurar nesse certame internacional.

O Grupo Gato SA também apresentou esta última peça, em 1997, assim como o grupo Pé de Vento, do Porto, em 1998 – que posteriormente a levou a Bruxelas, ao Théâtre Poème.

Para o Pé de Vento – sou amiga do João Luiz desde o final dos anos sessenta, em tempos de exílio – escrevi duas peças: *andando andando...* (por eles representada em 1989) e *A Asa e a Casa*, por eles criada em 2003 e recentemente publicada. Para continuar a contar o conto dos meus sucessivos nascimentos, terei que dizer que regresssei definitivamente a Lisboa em Novembro de 1976. Verifico que já antecipei acontecimentos mas, afinal, tanto faz. O viver e o recordar, o presente e o passado estão sempre entrelaçados. Basta dizer que desde então tenho estado sempre repartida entre a mítica Arca do Pessoa, as aulas (sou militantemente professora), a poesia (sempre), o teatro, minha permanente

devoção e atracção e os contos que gosto de escrever. Uma das últimas peças que escrevi, *Esse Tal Alguém*, parte de alguns desses contos.

Esse Tal Alguém foi uma criação do Teatro de Almada, em 2001, e obteve o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores desse ano. Foi traduzida para Francês e será brevemente apresentada em Paris. Em Setembro será publicada a sua tradução italiana.

Como Pessoa morreu sem organizar os fragmentos dispersos da sua obra, que afirmava ser de natureza dramática, tenho-me empenhado em constituir esses conjuntos a que ele não chegou a dar forma. No livro bilingue, português e francês, *Fernando Pessoa, le Théâtre de l'être*, encinei a relação de Pessoa com as suas outras máscaras (dele foram representadas várias passagens, nomeadamente pelo Tas, no Festival do Teatro Português, em Paris, 1998); no livro, também bilingue, *O Privilégio dos Caminhos*, juntei várias peças inacabadas mas que são, afinal, sempre a mesma peça (a *Comédie Française* vai representar esta montagem em Paris, em Setembro próximo).

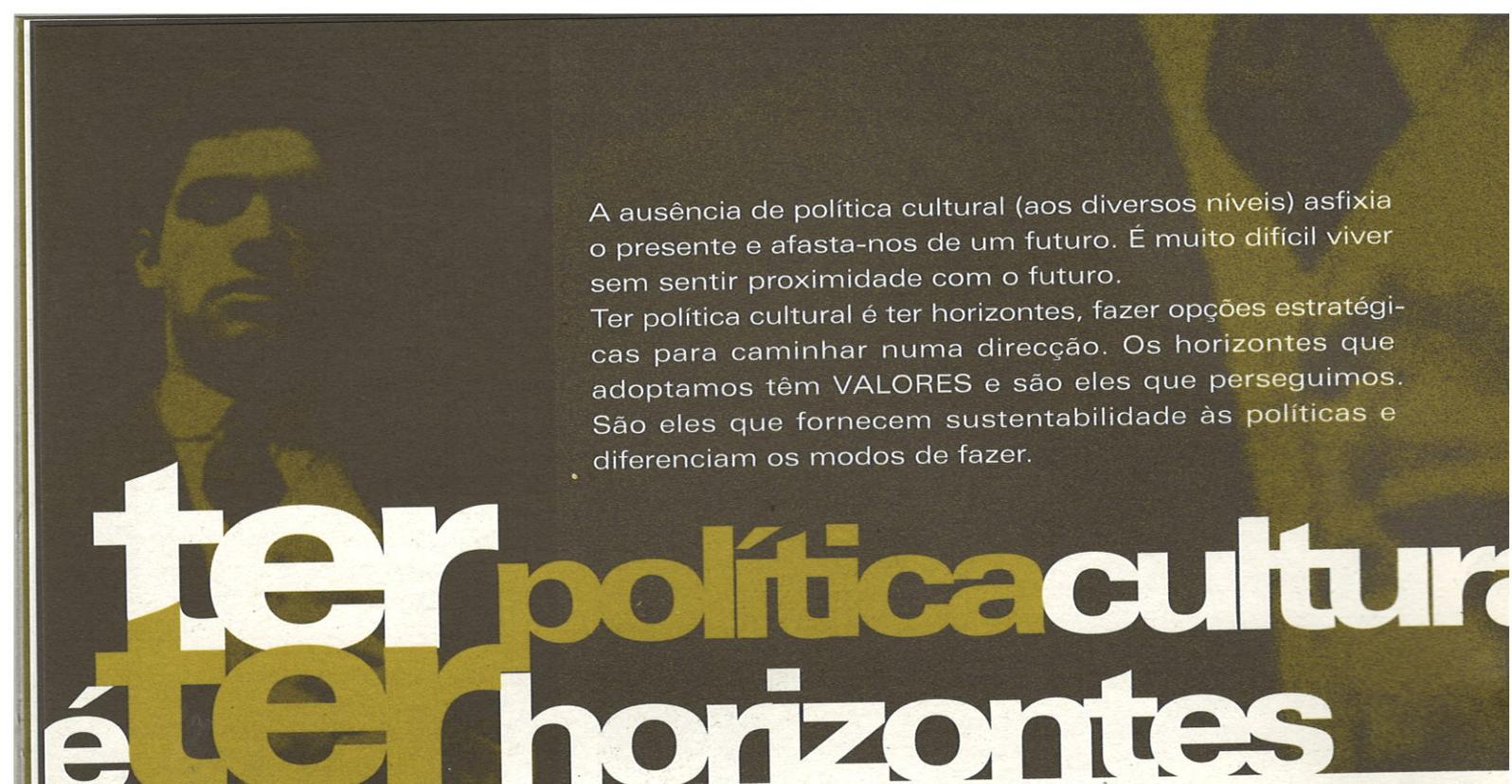
Outros livros que tenho organizado, também de natureza dramática, são também fruto de uma montagem inevitável (os textos estão soltos e misturados na “Arca” pessoana):

A Hora do Diabo, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro* (têm ambos tradução francesa e foram, ambos, levados à cena em Paris, Bruxelas e Lisboa).

As Tranquilas Aventuras do Diálogo é a encenação de uma relação a três, Jorge Luís Borges, Fernando Pessoa e Álvaro de Campos. Começou por ser um ensaio mas o grupo de Faro, Acta, quis representá-lo e virou peça mesmo...

Tenho muitas peças inéditas. A convite do Dr António Braz Teixeira, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, aí vai ser publicado em breve o meu *Teatro Reunido*.

Estou ansiosa por assistir ao convívio dessas diferentes criaturas a que me tem acontecido dar vida – o que é quase já outra peça...



A ausência de política cultural (aos diversos níveis) asfixia o presente e afasta-nos de um futuro. É muito difícil viver sem sentir proximidade com o futuro.

Ter política cultural é ter horizontes, fazer opções estratégicas para caminhar numa direcção. Os horizontes que adoptamos têm VALORES e são eles que perseguimos. São eles que fornecem sustentabilidade às políticas e diferenciam os modos de fazer.

ter política cultural é ter horizontes

Falar sobre a teoria e a prática a propósito do CCEN, Centro Cultural Emmerico Nunes e reduzi-lo a um só ponto de vista, será muito redutor, uma vez que não é obra de ninguém em especial. O interessante seria podermos juntar várias das vozes que durante estes anos contribuíram para a sua existência e tiveram um modo de se envolver. A riqueza da diversidade é um bem inestimável, quando temos condições de usufruir dela na aventura de transformar e/ou construir qualquer coisa em que acreditamos, poder contribuir para tornar melhores os seres humanos.

Assim, este testemunho é apenas uma das vozes que beneficiou do privilégio de poder usufruir da riqueza de diversos modos de ser e de pensar.

Esta voz, de certa forma, e ao seu modo também, traduz os ecos de todos aqueles que, connosco, têm construído aquilo que é hoje o Centro Cultural Emmerico Nunes, em Sines.

Um telegrama de teoria e de prática

Gerir para gerar projectos com gente dentro

A génese da formação e evolução do CCEN permitiu esboçar uma matriz que tem como primado fazer convergir saberes e experiências na construção de projectos.

Não sendo obra de ninguém em especial, a sua identidade é o resultado da confluência de muitos daqueles que mantêm o prazer em pensar, ousam experimentar e vêm no confronto um mo-

do de exercer a cidadania.

A força anímica que alimentou a fase de instalação é, ainda hoje, aquela que faz mover os que persistem. Ela alimenta-se daquilo que as pessoas gostam e/ou querem aprender e das suas experiências. Quem se interessa por música, teatro, artes visuais, literatura..... sabe dos prazeres que pode usufruir. Essas pessoas têm ideias que se podem transformar em projectos com impacto social. A isso chamo a luz do conhecimento. Esta ambição exige um modo diferente de gerir. Ainda andamos à procura de o conseguir saber fazer. Esta ambição exige um modo diferente de ser cooperante. Ainda andamos todos à procura de o saber ser.

Cruzar sentires e saberes é a forma de nos aproximarmos da compreensão do nosso tempo / época. Entre outras vertentes, a cultural é um modo ancestral de construir entendimentos e de os comunicar.

Poder analisar, à posteriori, aquilo que vai passando, poder sonhar com o futuro, mas ter, em cada momento, a lucidez para, em cima dos acontecimentos e dos múltiplos fenómenos sociais, saber o que é ou não é importante para as pessoas, constitui um desafio permanente. Tal compreensão exige um esforço para entendermos aquilo que ainda, em parte, é desconhecido, porque o que está a acontecer é “sempre novo”, nunca vivido, tanto em cada um de nós como nos contextos sociais.

Para a construção de ideias culturais não se pode excluir ninguém, embora seja necessário respeitar os conhecimentos

específicos de cada um. Considerando aqui não um “conhecimento enciclopédico” mas um conhecimento real, partilhado num processo de elaboração de novas informações e entendimentos. Nas sociedades actuais, esta aproximação à sabedoria precisa de espaços culturais que fomentem o conhecimento com autoridade e a confluência da diversidade. Ao longo dos anos, tem-se procurado um posicionamento em que no CCEN se consiga gerir a “autoridade” do conhecimento com a modéstia necessária, para que haja espaço às aprendizagens que a diversidade proporciona, combater a ignorância, sobretudo a daqueles que são sempre detentores das inexistentes verdades absolutas, acautelar os perigos da banalidade, e sem arrogância, mas com convicções possa assumir responsabilidades de escolhas, abertas ao debate e ao confronto. Quando assim acontece, o conhecimento ilumina. Por isso é que há poetas populares que, na sua aparente simplicidade, iluminam.

Reconforta-me sentir que há uma ambição de se construir uma instituição que não seja uma “coisinha” para uso doméstico mas um interlocutor com credibilidade capaz de penetrar nos circuitos nacionais de referência.

Alguma tristeza pelas oportunidades que se vão perdendo.

A ausência de política cultural (aos diversos níveis) asfixia o presente e afasta-nos de um futuro. É muito difícil viver sem sentir proximidade com o futuro.

Ter política cultural é ter horizontes,

fazer opções estratégicas para caminhar numa direcção. Os horizontes que adoptamos têm VALORES e são eles que perseguimos. São eles que fornecem sustentabilidade às políticas e diferenciam os modos de fazer.

Uma comunidade que não consegue explicitar uma política cultural, não tem horizontes definidos e, sem eles, não consegue escolher os caminhos. Caminha-se ao acaso, ao sabor das modas, porque não se conseguem definir estratégias. Esse é o campo dos eventos, que eventualmente podem ou não acontecer. Num ambiente desprovido de políticas os programadores surgem como fornecedores de eventos e prestadores de serviços que ocultam a falta de políticas. Num território árido de política cultural, semeia-se a não cooperação e desencadeia-se um clima de procura de patrocínios antes de se privilegiar a construção de parcerias capazes de fazer convergir sinergias.

O evento pode ser uma inesquecível super produção, mas não se pode confundir com políticas sustentadas em projectos que envolvam as pessoas, para os pensar e os concretizar. Assim, essa dinâmica “orgânica”, como a aparente confusão dos burgos medievais, tem as pessoas dentro dos projectos, com todas as dificuldades que isso implica, mas com a riqueza da sua diversidade e com o estímulo do confronto de diferentes processos criativos. O envolvimento neste tipo de prática, em situações de reduzidíssimos recursos financeiros e num território árido de política cultural, torna o caminho muito mais duro.

Tentamos politizar a cultura ao acrescentarmos VALOR às riquezas do Sudoeste Alentejano; ao tentarmos construir projectos com qualidade, em que os gestores das grandes empresas possam pôr em prática uma nova cultura empresarial, que assuma um papel social não ficando à parte da política cultural das comunidades onde está implantada. A indústria da cultura está aí e é necessária, mas, mal das comunidades que abdicam dos seus espaços de criação, dos seus espaços de confronto, dos seus espaços de construção de individualidades que possam não ficar perdidas e à deriva no mundo da Globalização. Se folhearmos os planos de actividades e os cadernos de balanço do CCEN, destes anos todos, verificamos que muita coisa foi ficando pelo caminho, algumas cresceram e tornaram-se autónomas e outras vão continuando num processo

natural de transformação. A Natureza é mesmo assim, e a vida das pessoas, por mais que nos custe, se calhar não pode ser muito diferente.

O Curso Internacional de Direcção Coral não conseguiu ultrapassar a 6ª edição, apesar de não faltarem professores de qualidade internacional e alunos de vários países. Ficámos mais longe do futuro quando as pessoas, cansadas, desistiram. A edição de um estudo sobre a vida e a obra de Emmerico Nunes da autoria de Isabel Lopes Cardoso, está há cerca de 8 anos na gaveta. Ficámos mais longe do futuro.

O projecto “Verão Arte Contemporânea em Sines”, para além de dar espaço e condições às “vozes do silêncio”, desafiando os criadores a desenvolverem projectos inéditos para Sines, aposta na produção de publicações de apoio às exposições e na aquisição anual de obras de arte, criando um acervo bibliográfico e um espólio museológico de arte contemporânea. A produção de material editado tem ficado muito aquém daquilo que seria possível fazer e, até hoje, ainda não foi possível adquirir nenhuma peça. Estamos a ficar mais longe do futuro.

Um telegrama de história Da Instalação do CCEN à fundação da Cooperativa

No início dos anos oitenta, a vida cultural em Sines desenrolava-se sobretudo em torno de um Núcleo Cultural da CMS, do Teatro Amador de Sines e da Sociedade Musical União Recreio Sport Sineense.

O edifício da “caninha” estava abandonado, o Centro Recreativo Sineense completamente desactivado e o cinema ao ar livre da “Esplanada Alentejana” desaparecia...

Um quase deserto no meio de intermináveis obras que desventravam a costa e afundavam o sonho do turismo. A população aumentou muito, o número de crianças e jovens também. Lisboa ficava a três horas, se fosse de carro. O comboio também acabou...

Foi há cerca de 18 anos que a Câmara Municipal de Sines convidou um grupo de cinco pessoas para dirigirem uma casa a que tinham atribuído a designação de Centro Cultural Emmerico Nunes (CCEN).

Com um edifício e uma designação, esse grupo cedo percebeu que, não sendo um serviço camarário, não faria sentido dirigir uma instituição sem qualquer



figura jurídica. Contudo, disponibilizou-se para aceitar o desafio de, transitoriamente, dirigir o CCEN e em simultâneo desencadear um processo de envolvimento de outras pessoas que alargasse a experiência de pensar para agir e de agir para pensar e que culminasse na definição de princípios e de uma filosofia que deveria ser consubstanciada na definição da figura jurídica que o institucionalizasse. Durante esse período o grupo foi variando com o abandono de alguns e a entrada de outros, surgindo daí uma Comissão Instaladora.

Em 1990 foi realizada a primeira Assembleia para a fundação do Centro Cultural Emmerico Nunes, CRL, como Cooperativa do Ramo Cultural sem fins lucrativos. Dos onze fundadores, o N° 1, é o sócio colectivo, Câmara Municipal de Sines.

Ainda hoje estamos para descobrir da bondade, ou da falta dela, que levou a Câmara Municipal de Sines, em 1986, a ligar-se desta forma com a chamada sociedade civil, quando até hoje ainda não se conseguiu concretizar uma verdadeira e sustentada parceria entre o Centro e a CMS. Deste modo têm-se perdido muitas oportunidades, importantes para as pessoas de Sines, mas, mesmo assim, essa mágoa e essa tristeza não têm sido suficientes para bloquear a vontade de darmos o nosso melhor para fazer aquilo



1974. Abril:

/ “E se inventássemos um mar de volta...”

Erguem mãos, punhos fechados e cantam! Podemós, hoje, a trinta anos de distância – uma vida! – conhecer alguns, reconhecê-los. José Jorge Letria, José Afonso, José Mário Branco, Adriano Correia de Oliveira...

A fotografia tem data e local certo. 1974. Trinta de Abril. Aeroporto de Lisboa. Do avião que chegava de Paris, o avião dos exilados, saíra Álvaro Cunhal, um dos míticos dirigentes políticos da Oposição ao regime deposto cinco escassos dias antes. Mas saíra também José Mário Branco, Luís Cília, duas das vozes que do exílio faziam do canto a denúncia da ditadura fascista e da guerra colonial. Acolhem-nos cantores da sua geração. Zeca Afonso e Adriano, carregando mais

de uma década de cantos de protesto, chegados de uma longa e fecunda viagem pela qual haviam libertado a velha canção de Coimbra dos espartilhos formais, abrindo-a a novas sonoridades, a mais ousados voos poéticos, aos temas sociais e políticos que subiam das consciências sensíveis de jovens do seu tempo, marcados pelo espectro da guerra e que os ligavam à sua terra e ao seu povo. Acolhem-nos ainda outros. Mais jovens, como Zé Letria, que se integra no que se configurava já como um amplo movimento de renovação musical, fortemente politizado e acompanhando o turbilhão de radicalização política que, por múltiplas fontes, jorrava pelo país e ajudava à desagregação do regime.

Depois foi nesse frémito de entusiasmo, de generosidade, de entrega, a criação do Colectivo de Acção Cultural, onde a esses se juntaram outros, todos. Os que cá viviam como Manuel Freire, Fausto, Vitorino, Júlio Pereira. Outros também vindos do exílio – Sérgio Godinho, Francisco Fanhais...

Encontravam-se ali, como se haviam encontrado e reencontrado antes: Na mão cheia de discos de ouro de 1971 – Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, de José Mário Branco; Os Sobreviventes, de Sérgio Godinho; Até ao Pescoço, de José Jorge Letria; Gente de aqui e de agora, de Adriano Correia de Oliveira.

Nos pequenos e grandes espectáculos,



fazendo do canto uma arma. Por escolas e colectividades, cruzando o país. Na abertura, em Abril de 1973, do 3º Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro. Nos bidonville da cintura de Paris. No I Encontro da Canção Portuguesa, menos de um mês antes do 25 de Abril, com o Coliseu de Lisboa a transbordar e cinco mil vozes entoar em coro Grândola Vila Morena/ terra da fraternidade/ O povo é quem mais ordena/ dentro de ti ó cidade”. Proibidos. Aprendidos os discos, circulavam preciosos exemplares, cintas magnéticas com fanhosas reproduções, laboriosas cópias de letras manuscritas e dactilografadas. Nos convívios, nas casas dos amigos, em acampamentos canta-

vam-se com ardor essas canções tornadas hinos. Os vampiros, do Zeca; Aprende a nadar companheiro, do Sérgio Godinho; Pedro soldado, do Adriano; Pedra filosofal, do Manuel Freire; Venios, ouvimos e lemos, do Fanhais... Com essa geração de cantores, que o 25 de Abril fez desaguar nas vilas, cidades e praças, se aprendeu a saber o nome do que estava mal e inquietava gerações distintas, se esperou pela madrugada da democracia, se lutou por ela, sobretudo. Pelos caminhos que se seguiram, houve muitas encruzilhadas e bifurcações, muitos entusiasmos, exaltações, muitas decepções, crispações, muitas memórias, mas muitas persistências e muitos reencontros. Talvez valha então a pena trazer

aqui, olhando de novo esta fotografia, velha e nova de trinta anos, algumas linhas de José Mário Branco, retirados desse espantoso texto que é o FMI:

“E se inventássemos o mar de volta, e se inventássemos partir, para regressar. Partir e aí nessa viagem ressuscitar da morte às arrecuas que me deste. Partida para ganhar, partida de acordar, abrir os olhos, numa ânsia colectiva de tudo fecundar, terra, mar, mãe... Lembrar como o mar nos ensinava a sonbar alto, lembrar nota a nota o canto das sereias, lembrar o depois do adens, e o frágil e ingénuo cravo da Rua do Arsenal, lembrar cada lágrima, cada abraço, cada morte, cada traição, partir aqui com a ciência toda do passado, partir, aqui, para ficar...”



AJAGATO

ASSOCIAÇÃO JUVENIL AMIGOS DO GATO
GRUPO AMADOR DE TEATRO DE SANTO ANDRÉ

Apoios:

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

Instituto Português da Juventude

Direcção Regional da Cultura do Alentejo

Crédito Agrícola - Caixa de Santiago do Cacém